



## COMISSÃO DA VERDADE DA UNE Relatório Preliminar nº 2



**Helenira Rezende de Souza Nazareth.** Codinome: **Fátima.** Nascida Cerqueira César, 19 de janeiro de 1944 – Morte Araguaia, 29 de setembro de 1972. Líder estudantil e ex-vice-presidente da UNE, uma guerrilheira brasileira, militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e integrante da Guerrilha do Araguaia.

### Dados biográficos

Filha do comunista Adalberto de Assis Nazareth e Euthália Resende de Souza Nazareth. Desaparecida, desde 1972, na Guerrilha do Araguaia, quando contava 28 anos. Com 4 anos mudou-se para Assis, onde cresceu, tendo concluído o Curso Clássico na EEPG 'Prof. Clibas Pinto Ferraz'. Participante da Seleção de basquete da cidade, sobressaiu-se como uma das melhores jogadoras da região da Alta Sorocabana, tendo também sido contemplada com várias medalhas no atletismo, na modalidade de salto à distância.

Dedicada ao estudo da teoria marxista, desde cedo sua presença se fez sentir como líder estudantil que, com posições avançadas defendia com firmeza suas propostas. Fundadora e 1ª presidente eleita do Grêmio Estudantil da Escola, já se pronunciava nos palanques e na Rádio Difusora de Assis, durante campanhas políticas dos candidatos que julgava dignos de seu apoio. E desde então, ou talvez desde o berço, foi-se formando líder estudantil, grande oradora nos Congressos Estudantis e nas manifestações de rua dos anos 60. Foi vice-presidente da UNE, em 1968. 'Estudante

nota cem' (depoimento de uma professora), ingressou na Faculdade de Filosofia da rua Maria Antônia, no Curso de Letras onde, através dos movimentos estudantis, passou a viver intensamente a vida política do país. Com seus alunos de Português de duas escolas estaduais, uma no Jardim Japão e outra em Guarulhos, preparava peças de teatro consideradas subversivas na época.

Helenira foi presa a primeira vez quando conclamava os colegas a participarem de uma passeata em maio de 1968, em São Paulo. E, no mesmo ano, mais uma vez foi presa, no 30º Congresso da UNE, em Ibiúna com outros 800 estudantes. Nesta ocasião, quando o ônibus que os transportava passava pela Avenida Tiradentes, conseguiu entregar a um transeunte um bilhete que foi levado à sua residência à Rua Robertson, no Cambuci, avisando à família de sua prisão. Procurada pelos policiais como Nazareth e apontada como sendo uma das líderes do movimento, foi transferida do Presídio Tiradentes para o DOPS onde caiu nas garras do famigerado Fleury, que a jurou de morte.

Uma outra mensagem foi entregue então, à sua família avisando sua localização e a dos companheiros José Dirceu, Antônio Ribas, Luís Travassos e Vladimir Palmeira. A polícia continuava negando sua prisão, enquanto um policial não identificado atuava como mensageiro entre o DOPS e o Cambuci. Após alguns dias de 'vai e vem' ao DOPS, o contato direto com Helenira foi conseguido por intermédio da advogada Maria Aparecida Pacheco. Alguns dias depois a 'estudante', como era chamada pelo carcereiro, foi transferida para o Presídio de Mulheres do Carandiru, onde ficou detida por dois meses. Seu Habeas Corpus foi conseguido um dia antes da edição do AI-5. A partir de então passou a viver na clandestinidade, tendo residido em vários pontos da cidade e do país, antes de se dirigir ao Araguaia." Morta a golpes de baioneta, em 29 de setembro de 1972, depois de metralhada nas pernas e torturada. Enterrada na localidade de Oito Barracas.

No Relatório do Ministério da Marinha encontra-se a cínica "informação" de que se encontra foragida. No arquivo do DOPS/PR, o nome de Helenira consta em uma gaveta com a identificação: "falecidos". Declarações da ex-presa política Elza de Lima Monnerat, em Auditoria Militar, à época, afirmam que:

*"... Helenira, ao ser atacada por dois soldados, matou um deles e feriu outro. Metralharam-na nas pernas e torturaram-na barbaramente até a morte..."*

De 1969 a 1972, mesmo após sua morte na Guerrilha do Araguaia, sua família foi chamada a prestar declarações ao DOPS/SP e ao II Exército. Em 6 de junho de 1979, um jornal publicou sobre Helenira que:

*"...o lugar onde estava virou uma poça de sangue, conforme falaram soldados do PIC (Pelotão de Investigações Criminais)... e confirmaram que a coragem da moça irritou a tropa. Helenira foi morta a baionetadas!"*

No jornal "A Voz da Terra", de 8 de fevereiro de 1979, há uma extensa matéria que, sob o título "A Comovente História de Helenira", conta a história dessa combatente pela liberdade no Brasil. Até hoje, sua família, oficialmente, de nada foi informada.

Integrante do Destacamento A da guerrilha, onde usava o nome Fátima, Helenira fazia parte de um grupo emboscado por fuzileiros navais em 29 de setembro de 1972. Ferida no tiroteio e metralhada nas pernas, recusou-se a entregar a localização dos companheiros aos militares e foi torturada e morta a golpes de baioneta.

Sobre sua morte o Relatório Arroyo, escrito pelo dirigente do PCdoB Ângelo Arroyo, que escapou ao cerco militar à região em 1974, assim a descreveu:

*No dia 29 de setembro, houve um choque do qual resultou a morte de Helenira Resende. Ela, juntamente com outro companheiro, estava de guarda num ponto alto da mata para permitir a passagem, sem surpresas, de grupos do destacamento. Nessa ocasião, pela estrada vinham tropas. Como estas achassem a passagem perigosa, enviaram "batedores" para explorar a margem da estrada, precisamente onde se encontrava Helenira e o outro companheiro. Este quando viu os soldados, acionou a metralhadora, que não funcionou. Ele correu e Helenira não se deu conta do que estava sucedendo. Quando viu, os soldados já estavam diante dela. Helenira atirou com uma espingarda 16. Matou um. O outro soldado deu uma rajada de metralhadora que a atingiu. Ferida, sacou o revólver e atirou no soldado, que deve ter sido atingido. Foi presa e torturada até a morte. Elementos da massa dizem que seu corpo foi enterrado no local chamado "Oito Barracas".*

Além disso, sua morte foi citada no Comunicado 6 da Forças Guerrilheiras do Araguaia. Nas fichas encaminhadas anonimamente para o jornal O Globo, em 1996, registra-se "[...] foi morta no dia 28 set. 72, no Pará". Outro relatório, desta vez assinado pelo comandante da 3ª Brigada de Infantaria, general Antônio Bandeira, a uma certa altura diz "[...] ação de patrulhamento, em 28 Set. 72, executada por 1 GC na R do Alvo teve como resultado a morte da terrorista Helenira Rezende de Souza Nazareth 'Fátima' (Dst A — Grupo Metade)".

Em outro documento produzido por órgãos militares, o Relatório da Operação Sucuri, Helenira é indicada como morta, no entanto, nele está registrado seu nome falso, Fátima.

Diversos presos políticos denunciaram o assassinato de Helenira: Elza de Lima Monnerat denunciou que seu assassinato se deu sob tortura, após ter sido baleada nas pernas; Danilo Carneiro, um dos primeiros guerrilheiros a ser preso pelo exército, afirmou ter visto na prisão slides de corpos mutilados de guerrilheiros e álbuns de fotografias que lhe eram mostrados pelo Exército para que ele os identificasse. Carneiro afirma ter visto fotos de diversos corpos, entre eles o de Helenira; Regilena Carvalho de Leão de Aquino, em depoimento do processo movido pelos familiares de desaparecidos da Guerrilha do Araguaia, na Primeira Vara da Justiça Federal (este processo é o mesmo do depoimento de Danilo Carneiro), afirmou que o general Antônio Bandeira disse-lhe da morte de Helenira Rezende; por fim, moradores da região onde se deu o assassinato de Helenira, em depoimento ao MPF, afirmaram ter conhecimento da morte de Helenira.

O “Relatório Parcial da Investigação sobre a Guerrilha do Araguaia”, do Ministério Público Federal (MPF), de janeiro de 2002, concluiu:

*Fátima: Helenira Rezende foi vista por um depoente, baleada na coxa e na perna, sendo carregada em cima de um burro de um morador da região, próximo à localidade de Bom Jesus. Outro depoente ouviu referências de que Fátima foi vista na base de Oito Barracas. E um terceiro conta que ouviu falar ter Fátima chegado já morta em Oito Barracas, em função de ferimentos. Em fragmento de um relatório aparentemente oficial, há registro de que Fátima teria sido morta em setembro de 1972.*

## **Resumo de documentos**

### **Artigo de jornal**

Liberdade para os líderes antes do Natal, (sem data e fonte). Trata de campanha que os estudantes prometem começar em todo o país para que se libertem seus líderes, citando trechos do manifesto do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (DCE/UFRJ) que foi lançado em nota oficial. O artigo discorre também sobre o processo contra os acusados de participação no Congresso da UNE, em 1968, em Ibiúna, SP. Dentre os estudantes presos, envolvidos neste processo e citados no artigo, quatro foram mortos posteriormente pela repressão militar: Helenira Rezende de

Souza Nazareth, Gildo Macedo Lacerda, Antônio Guilherme Ribeiro Ribas, José Wilson Lessa Sabag. Documento com carimbo do DOPS/SP, de 29/11/68.

### **Artigo de jornal**

Garcia, Júlio César. A comovente história de Helenira. Voz da Terra, Assis, SP, 8 fev. 1979. Conta a vida de Helenira: as tendências marxistas de seu pai, sua vida de estudante e atleta em Assis, líder estudantil ligada à União Nacional dos Estudantes (UNE), a guerrilha no Araguaia e as circunstâncias de sua morte. O artigo apresenta texto pouco legível em algumas partes. Acompanha outro pequeno artigo com nota sobre os batizados de Helenira e sua irmã Helenalda, publicado no Jornal "A Semana", de Cerqueira César, em 12/03/44.

### **Artigo de jornal**

Hatori, Elza. Provas confirmam mortes da ditadura. Diário Popular, São Paulo, 1 de ago. 1991, p. 2. Trata da disponibilização do arquivo do DOPS/PR à Prefeitura de São Paulo para a realização de trabalho em Curitiba pela Comissão Especial de Investigação que foi criada por esta Prefeitura para acompanhar o processo das ossadas enterradas no Cemitério Dom Bosco, em Perus, São Paulo. As investigações levaram à confirmação da morte de vítimas da ditadura que não tiveram o óbito assumido pelo regime militar. Foram localizadas 17 fichas de militantes desaparecidos no arquivo do Paraná dentro de uma gaveta com a inscrição "Falecidos". Apesar das fichas e prontuários terem sido localizados em Curitiba, a maior parte destes 17 militantes desapareceu em São Paulo, depois de serem presos e torturados.

### **Relatório**

Documento do Serviço Nacional de Informações (SNI)/Agência Central, de 26/01/76, sobre a denúncia de torturas ao Gabinete Civil da Presidência da República. Apresenta diversas informações sobre o movimento de denúncias às torturas no Brasil, inclusive em sua atuação fora do país, baseados em documentos produzidos pelos grupos de esquerda, e apontando a preocupação desta campanha pela "difamação" dos órgãos de segurança e a tentativa de transformar "elementos subversivos" em vítimas. Entre outros, cita o documento com a lista dos "torturadores", apreendido no aparelho de Ronaldo Mouth Queiroz e elaborado pelo Comitê de Solidariedade aos Presos Políticos do Brasil, formado e dirigido pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foi

encaminhado aos Bispos do Brasil, em 02/73. O relatório também encara como exemplo da idéia fixa de caluniar o fato dos nomes de Bergson Gurjão Farias e Helenira Rezende de Souza Nazareth, mortos em combate na repressão à guerrilha do Araguaia, em 1972, aparecerem nos relatórios de seus companheiros como "presos políticos assassinados sob tortura e tidos como desaparecidos".

### **Relatório**

Documento do Serviço de Informações do DOPS/SP, sem data, com informações sobre a militância de Helenira, de 1967 a 1972. Apresenta, a cada parágrafo, os códigos referentes às pastas onde as informações foram coletadas. Informa sobre suas condenações e prisões, a pichação do muro da Faculdade Mackenzie, São Paulo, SP, com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura", a distribuição do jornal "subversivo" A Classe Operária, em Santos, SP, cidade onde o Partido Comunista do Brasil (PC do B) era fraco e Helenira tinha interesse em manter contatos, a participação no Congresso Regional da extinta UNE, no Paraná, em 1968 e a presença de seu nome em relação de elementos da Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil.

### **Relatório**

Relatório do Serviço de Informação do DOPS de São Paulo, de 06/11/69, com dados sobre a militância de Helenira de junho de 1967 a agosto de 1969, incluindo manifestações estudantis, condenações e prisões. Consta notação à mão e à máquina das pastas onde se encontram as informações a cada parágrafo.

### **Relatório**

Lista do DOPS contendo 70 itens com nomes de pessoas (muitos se repetem), seguidos de codinomes e condição (preso, liberado, banido ou morto). Dez desses nomes podem ser identificados dentre os mortos e desaparecidos políticos pela ditadura militar: Helenira Rezende de Souza Nazareth, Yoshitane Fujimori, Carlos Lamarca, Eremias Delizoicov, Eduardo Collen Leite, Joaquim Câmara Ferreira, Arno Preis, Maria Augusta Thomaz, Márcio Beck Machado, Aylton Adalberto Mortati.

### **Relatório**

Relatório das circunstâncias da morte de Helenira Rezende de Souza Nazareth,

elaborado pela Comissão dos Familiares dos Mortos e Desaparecidos Políticos, e enviado à Comissão Especial Lei 9.140/95.

### **Termo de declarações**

Declaração de Helenira, de 29/06/67, sobre pichação do muro da Faculdade Mackenzie, em São Paulo, com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura", acompanhada de Rafael Orlando D'Aléssio. Também declara possuir idéias progressistas e discordar do regime atual onde não há eleições diretas, acusando-o de ditadura.

### **Folheto**

Depoimento publicado (sem data e fonte) com dados de militância e morte, intitulado "Memória - Helenira Resende". Entre outros, descreve sua prisão em 1968, quando foi torturada pelo delegado Fleury e sua equipe. Foi posta em liberdade, jurada de morte por aquele delegado, passando então a viver na clandestinidade na região do Araguaia. Em 29/09/72, foi metralhada, torturada e morta a golpes de baioneta. Apesar de vários depoimentos de moradores da região que confirmam sua morte e prisão, é até hoje uma desaparecida, pois os militares que a mataram e a identificaram, conforme depoimento do General Bandeira de Melo, em 1972, não se pronunciaram oficialmente. Ao lado, seguem endereços de várias instituições de direitos humanos no Brasil, para quem quiser enviar notícias, opiniões, solidariedade e críticas.

### **Prontuário/ Dossiê**

Prontuário da Divisão de Segurança e Informações, do Departamento de Polícia Civil, do Paraná, agrupando documentos obtidos junto a diversos órgãos de segurança sobre a militância de Helenira e sua passagem por estes órgãos. Inclui fichas com dados cadastrais, impressões digitais, fotos de rosto, ampliação de sua assinatura e ofícios dos órgãos de informação.

### **Ficha pessoal**

Documento do DOPS/SP com qualificação e histórico, sem data. Informa que Helenira é estudante de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da USP, participante da Ação Popular no meio universitário, mais tarde, Ação Popular Marxista Leninista do Brasil. Cita vários indiciamentos e condenações de 1967 a 1971: por ocasião do Congresso Ilegal da UNE, realizado simultaneamente em Vinhedo, Campinas e São

Paulo, em 1967; por pichação no muro da Faculdade Mackenzie, em São Paulo, SP, com inscrições "injuriosas" à Constituição Jurídica do país; por ter participado do XXX Congresso da UNE, em 1968, entre outros.

### **Ficha pessoal**

Documento da Delegacia Especializada de Ordem Social, com alguns dados pessoais e foto numerada.

### **Ficha pessoal**

Documento da Delegacia de Ordem Política e Social, de 12/10/71. Informa sobre seu nome falso, Eliana Resende Barbosa e que, segundo o Jornal do Brasil, publicado no Rio de Janeiro, de 29/03/78, Helenira morreu em combate em 08/09/72.

### **Jornal/ Revista**

Parte do Boletim Informativo do Serviço de Polícia do III Exército, de Porto Alegre, de 1975, com lista de militantes e seus dados gerais, além de informações de suas prisões e condenações.

### **Documento pessoal**

Carteira original do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo, com foto 3 X 4, indicando Helenira como amadora, na cidade de Assis.

### **Interrogatório**

Documento da Delegacia Especializada de Ordem Política de São Paulo, de 16/11/67, com dados pessoais, a afirmação de que "não sabia que seu ato pudesse configurar um crime" e sua assinatura. O crime em questão não é citado.

### **Interrogatório**

Auto de Qualificação e Interrogatório do DOPS/SP, de 16/11/67, onde Helenira nega ter cargo de representação acadêmica, diz que desconhece a União Nacional dos Estudantes (UNE) e afirma que agiu impensadamente ao pichar o muro da Faculdade Mackenzie com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura", entre outras declarações.

### **Ofício**



Documento do encarregado de Inquérito Policial Militar (IPM) ao DOPS/SP, de 31/10/69, solicitando informações sobre os militantes políticos Benjamin Abdala Júnior, Helenira Resende de Souza Nazareth, Helenalda Resende de Souza Nazareth (irmã de Helenira) e José Amauri Ferraz e estabelecimento de vigilância sobre as residências dos dois primeiros, visando observar os pontos citados. Segue em anexo resposta do DOPS/SP, de 26/11/69, enviando informações dos arquivos sobre os militantes acima e informando que Helenira encontra-se foragida em lugar não sabido.

### **Depoimento**

Depoimento dos familiares discorrendo sobre a militância de Helenira e as circunstâncias de sua morte quando souberam que alguém em Assis dizia ter lido num jornal que Helenira havia sido morta em tiroteio no Rio de Janeiro. Ao procurarem esclarecimentos, só encontraram histórias desencontradas quando, em 1978, o jornal O Estado de S. Paulo começou a publicar artigos sobre o Araguaia, onde identificaram algumas idéias de Helenira e, a partir daí, obtiveram informações, não oficiais, sobre sua morte. Possui carimbo do arquivo do DOPS de 1980.

### **Legislação**

Lei 9.140/95. Diário Oficial, Brasília, n. 232, 5 dez. 1995. Reconhece como mortas pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, entre 02/09/61 a 15/08/79, e que por este motivo tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se, desde então, desaparecidas, sem que delas haja notícias. No Anexo I desta Lei foram publicados os nomes das pessoas que se enquadram na descrição acima. Ao todo são 136 nomes.

### **Legislação**

Lei 9.497/97. Diário Oficial do Município, Campinas, 20 nov. 1997. Atribui nomes de mortos e desaparecidos políticos no período da ditadura militar a ruas dos bairros Vila Esperança, Residencial Cosmo e Residencial Cosmo I.

### **Certidão**

Certidão da Divisão de Segurança e Informações, da Polícia Civil do Paraná, para a Comissão Especial de Investigação das Ossadas encontradas no Cemitério de Perus, de 24/07/91. Certifica que as fichas das pessoas a seguir foram encontradas no arquivo do

DOPS, em gaveta com a identificação "Falecidos": Alúcio Palhano Pedreira Ferreira, Hiran de Lima Ferreira, Edgard de Aquino Duarte, Paulo Stuart Wright, Eduardo Collier Filho, Helenira Resende de Sousa Nazareth, Miguel Pereira dos Santos, José Huberto Bronca, Isis Dias de Oliveira, Antônio dos Três Reis Oliveira, Ayrton Adalberto Mortati, Jorge Leal Gonçalves Pereira, Luiz Almeida, Ruy Carlos Vieira Berbert, Joaquim Pires Cerveira, Virgílio Gomes da Silva e Elson da Costa.

### **Boletim de ocorrência**

Boletim de ocorrência de 29/06/67, com breve histórico sobre a detenção de Helenira e Rafael Orlando D'Aléssio, estudantes, por terem pichado o muro da Faculdade Mackenzie, em São Paulo, com os dizeres "Abaixo as leis da ditadura".

### **Requerimento**

Documento elaborado por parentes de Helenira Rezende de Souza Nazareth, Divino Ferreira de Souza, Ciro Flávio Salazar Oliveira e Áurea Elisa Pereira ao Juiz Federal da Seção Judiciária de Brasília, requisitando a apresentação das informações sobre os participantes mortos da Guerrilha do Araguaia, incluindo local da sepultura e atestado de óbito na Ação ordinária contra a União Federal, de 17/07/94.

### **Homenagens**

Em sua homenagem, as cidades de São Paulo (SP), Guarulhos (SP) e Campinas (SP) deram o seu nome a ruas situadas nos bairros Cidade Ademar e Grajaú, na capital paulista, e Vila Esperança, no interior do estado.

No ano de 2012, a Associação de Pós-graduandos da Universidade de São Paulo, decidiu prestar homenagem a Helenira e ao seu passado de lutas por um outro Brasil, batizando a entidade com seu nome.